

EDITORIAL

A Psiquiatria em Diálogo com a Sociedade Psychiatry in Dialogue with Society

© PEDRO MORGADO^{1,2*}

1. School of Health Sciences, University of Minho, Braga, Portugal.

2. Hospital de Braga, Braga, Portugal.

Palavras-chave: Jogo; Género; Pandemia; Perturbações Mentais; Psiquiatria; Saúde Mental;

Keywords: Gambling; Mental Health; Mental Disorders; Pandemics; Psychiatry; Sex

A Psiquiatria é a especialidade médica que se ocupa da patologia do aparelho psíquico, ou seja, das doenças do cérebro que resultam em experiências psicológicas mórbidas. É uma especialidade que não circunscreve a sua ação à reparação dos sistemas biológicos disfuncionais nem à intervenção biopsicossocial na pessoa que está doente, podendo atuar de forma direta ou indireta nos elementos contextuais pertinentes.

A elevada prevalência das doenças psiquiátricas demonstra que a Psiquiatria não pode deixar de se ocupar de toda a sociedade. Mas a necessidade de uma Psiquiatria em diálogo com a sociedade não deriva apenas dessa elevada prevalência. Tal como a doença se expressa no terreno idiossincrático de cada um, também a doença psiquiátrica emerge do(s) e com o(s) contexto(s) em que vivemos. Espera-se, pois, da Psiquiatria que esteja em diálogo permanente com a Sociedade de que emana, contribuindo de forma positiva para a sua harmonia e, muito especificamente, para a promoção da saúde, a prevenção a doença e a garantia de cuidados médicos que promovam o diagnóstico atempado, o tratamento cientificamente validado e o acompanhamento clinicamente adequado.

Ao reconhecer a diversidade de cada um na saúde e a singularidade de todos na doença, a Psiquiatria assume-se como a ‘especialidade da liberdade’ perante uma sociedade que “psiquiatriza” e “psicologiza” a vida normal e diversa a um ritmo avassalador. Uma sociedade que tem da psiquiatria uma visão sanitarista, assistencialista, paternalista e *hospitalocêntrica*, desejando que se ocupe de tudo o que incomoda, ainda que o incómodo esteja, quase sempre, no olhar de quem vê. Também por isso, a ação da Psiquiatria

não pode confinar-se aos consultórios ou serviços clínicos que integramos. É tempo de ocupar o espaço público que nos pertence por direito próprio, participando nos grandes debates sociais contemporâneos, promovendo a literacia, combatendo a estigmatização da doença psiquiátrica e dos tratamentos que funcionam, denunciando as situações de especial vulnerabilidade e construindo soluções que melhorem a vida de todos e, em particular, daqueles que são acometidos por doenças psiquiátricas.

Importa, por isso, que a comunidade clínica e científica nacional da Psiquiatria e Saúde Mental possa refletir sobre alguns dos grandes desafios da nossa sociedade e o seu impacto na saúde mental e no risco de desenvolvimento de doenças psiquiátricas, contribuindo simultaneamente para a geração de conhecimento científico e para o debate público. Enumerem-se de seguida três desafios prementes no momento atual.

A PANDEMIA E OS VULNERÁVEIS

A pandemia COVID-19 confrontou a sociedade com desafios relevantes em todas as áreas da sociedade. O medo da infeção vírica, o confinamento, a redução significativa de rendimentos, a erosão do emprego e a incerteza económica e social contribuíram para o aumento dos sintomas de ansiedade, depressão e obsessivo-compulsivos na população geral num primeiro momento.^{1,2} O impacto inicial foi diferencial, afetando mais significativamente as mulheres, as pessoas desempregadas e aquelas que se encontravam doentes. Identificaram-se ainda alguns fatores contextuais associados a melhores indicadores de saúde mental como o baixo consumo de notícias, a prática de exercício físico e a existência de um jardim na habitação.¹

Recebido/Received: 2020-09-06

Aceite/Accepted: 2020-09-26

Publicado / Published: 2021-09-10

* Autor Correspondente/Corresponding Author: Pedro Morgado | School of Health Sciences, University of Minho, Braga, Portugal | Campus de Gualtar, Universidade do Minho, 4710-057 Braga | pedromorgado@med.uminho.pt

© Author(s) (or their employer(s)) 2020 and SPPSM Journal Re-use permitted under CC BY-NC. No commercial re-use.

© Autor (es) (ou seu (s) empregador (es)) e Revista SPPSM 2020. Reutilização permitida de acordo com CC BY-NC.

Nenhuma reutilização comercial.

Na população pedopsiquiátrica verificou-se também um agravamento dos sintomas de tristeza, irritabilidade, ansiedade e do comportamento bem como alterações nas horas de atividade física e de sono.³

Os profissionais de saúde foram sujeitos a demandas especialmente significativas, apresentando também elevados níveis de *burnout* e sofrimento psicológico, em particular quando expostos à linha da frente do combate à pandemia.⁴⁻⁶ Ao longo do tempo verificou-se uma redução dos sintomas de sofrimento psicológico com adaptação à “nova realidade”, identificando-se trajetórias distintas que ajudam a compreender alguns fatores que favorecem (género feminino, idade jovem, trabalhadores ativos e elevados níveis de extraversão) e perturbam essa adaptação (sofrer de doença física ou psiquiátrica e elevados níveis de neuroticismo).⁷ Ao aumentar os níveis globais de stress, ao acentuar as dificuldades daqueles que eram mais vulneráveis e ao aprofundar as desigualdades económicas e sociais, a pandemia pode ter aumentado o risco de desenvolvimento de doenças psiquiátricas. Estudar estes fenómenos e preparar as respostas clínicas adequadas é um dos desafios que a Psiquiatria não pode recusar.

GÉNERO E SAÚDE MENTAL

É um dado inofismável que a doença psiquiátrica afeta de forma desigual as mulheres e os homens na nossa sociedade e no nosso tempo. Enquanto a depressão e a ansiedade são mais comuns nas mulheres, o suicídio é duas a quatro vezes superior nos homens que apresentam também níveis mais elevados de problemas relacionados com abuso de substâncias, problemas de conduta e agressividade. Ainda que as diferenças biológicas possam contribuir para este fenómeno, a evidência demonstra que os papéis de género tradicionais têm um impacto negativo na saúde mental das crianças e adultos jovens do género masculino.^{8,9}

A forma como a sociedade promove a educação das crianças e jovens bem como as imagens que direta ou indiretamente associa a cada género contribui para o estabelecimento de sistemas de valores que favorecem ou moderam a adoção de comportamentos geradores de doença e o desenvolvimento de mecanismos de *coping* protetores ou desadaptativos. Como consequência, os sistemas de valores rigidamente assentes nos papéis de género tradicionais associam-se a um risco mais elevado do desenvolvimento de diferentes patologias psiquiátricas, afetando negativamente as crianças e adolescentes do género masculino.^{9,10} A promoção da saúde e a prevenção da doença psiquiátrica deve incluir o desenvolvimento de novas estratégias de promoção do desenvolvimento social e emocional para os rapazes e jovens adultos.⁹ Trata-se de um desafio da sociedade para o qual a Psiquiatria pode e deve contribuir.

Responsabilidades Éticas

Conflitos de Interesses: O autor declara não ter nenhum conflito de interesses relativamente ao presente trabalho.

Fontes de Financiamento: Não existiram fontes de financiamento ou bolsas para a realização deste trabalho.

Proveniência e Revisão por Pares: Comissionado; revisão editorial.

A SOCIEDADE E O JOGO

O jogo é uma atividade com efeitos adversos na saúde e bem-estar das pessoas, podendo afetar negativamente a saúde física, o bem-estar mental e o funcionamento social das pessoas que jogam e dos seus conviventes. Além disso, os comportamentos de jogo têm sido associados a risco de mortalidade precoce.¹¹ Os problemas relacionados com o jogo têm vindo ser reconhecidos como uma questão emergente de saúde pública em todo o mundo. Em Portugal, os níveis crescentes de consumo de jogo *online*¹² e de raspadinhas¹³ parecem configurar os principais focos de preocupação.

Como bem expõe um artigo recentemente publicado na revista *Lancet Public Health*,¹⁴ as autoridades governamentais e as instituições com interesses económicos no jogo têm montado um discurso repleto de falácias que visa perpetuar um negócio que gera milhões de euros de lucros. Tal como sucedeu com a indústria do tabaco e álcool no passado, as instituições que lucram com o jogo, em articulação com os governos, utilizam várias estratégias comunicacionais falaciosas¹⁴: 1) procuram descredibilizar a evidência que demonstra os efeitos nefastos do jogo, atacando a sua qualidade, mas nunca apresentam evidência científica que a contrarie; 2) alegam dispor de programas de “jogo responsável” que não têm sustentação científica nem evidência independente de eficácia; 3) confundem a opinião pública, desvalorizando os problemas de jogo patológico e explorando causas alternativas para esses comportamentos; 4) atacam a regulamentação com o argumento de que favorece o jogo ilegal apesar de não existir evidência nesse sentido; 5) utilizam as contribuições para ações de caridade e a importância dos impostos recolhidos como justificação social para a sua existência apesar de se tratar de uma indústria que não cria riqueza mas apenas a redistribui dinheiro; 6) utilizam argumentos relacionados com a liberdade e o equilíbrio entre o direito ao jogo dos “vencedores” e a proteção da saúde dos jogadores patológicos.

Atendendo aos impactos nefastos que o jogo pode ter nas pessoas mais vulneráveis, torna-se fundamental que a comunidade científica e clínica da Psiquiatria em Portugal acompanhe os esforços globais para melhorar a regulamentação desta atividade, nomeadamente no que respeita à publicidade, à excessiva disponibilidade de oportunidades de jogo e à proteção daqueles que sofrem de Perturbação de Jogo Patológico.

A Revista de Psiquiatria e Saúde Mental é o espaço primordial de difusão do conhecimento científico que se constrói em Portugal na área da Psiquiatria e Saúde Mental, contribuindo de forma efetiva para o pensamento em torno destes e de outros temas do interesse da especialidade. Tendo em conta a sua relevância e o seu impacto societal, estes são desafios aos quais não podemos faltar.

Ethical Disclosures

Conflicts of Interest: The author has no conflicts of interest to declare.

Financing Support: This work has not received any contribution, grant or scholarship.

Provenance and Peer Review: Commissioned; editorial review.

Referências

1. Silva Moreira P, Ferreira S, Couto B, Machado-Sousa M, Fernández M, Raposo-Lima C, et al. Protective Elements of Mental Health Status during the COVID-19 Outbreak in the Portuguese Population. *Int J Environ Res Public Health*. 2021;18:1910. doi: 10.3390/ijerph18041910.
2. Paulino M, Dumas-Diniz R, Brissos S, Brites R, Alho L, Simões MR, et al. COVID-19 in Portugal: exploring the immediate psychological impact on the general population. *Psychol Health Med*. 2021;26:44–55.
3. Vieira da Costa C, Ticló SS, Ferreira-Carvalho R, Delgado RM, Lobarinhas MJ, Teixeira G, et al. Avaliação de Sintomas Psiquiátricos Durante o Confinamento no Contexto da Pandemia COVID-19 numa População Clínica Pedopsiquiátrica. *Rev Port Psiquiatria Saúde Mental*. 2021;7:9–21.
4. Ferreira S, Sousa MM, Moreira PS, Sousa N, Picó-Pérez M, Morgado P. A wake-up call for burnout in Portuguese physicians during the COVID-19 outbreak: a national survey study. *JMIR Public Health Surveill*. 2021;7:e24312. doi: 10.2196/24312.
5. de Pinho LG, Sampaio F, Sequeira C, Teixeira L, Fonseca C, Lopes MJ. Portuguese Nurses' Stress, Anxiety, and Depression Reduction Strategies during the COVID-19 Outbreak. *Int J Environ Res Public Health*. 2021;18:3490. doi: 10.3390/ijerph18073490.
6. Duarte I, Teixeira A, Castro L, Marina S, Ribeiro C, Jácome C, et al. Burnout among Portuguese healthcare workers during the COVID-19 pandemic. *BMC Public Health*. 2020;20:1885. doi: 10.1186/s12889-020-09980-z.
7. Picó-Pérez M, Ferreira S, Couto B, Raposo-Lima C, Machado-Sousa M, Morgado P. Sociodemographic and lifestyle predictors of mental health adaptability during COVID-19 compulsory confinement: A longitudinal study in the Portuguese population. *J Affect Disord*. 2021 (in press). doi:10.1016/j.jad.2021.08.150.
8. Heise L, Greene ME, Opper N, Stavropoulou M, Harper C, Nascimento M, et al. Gender inequality and restrictive gender norms: framing the challenges to health. *Lancet*. 2019;393:2440-54. doi: 10.1016/S0140-6736(19)30652-X.
9. Rice S, Oliffe J, Seidler Z, Borschmann R, Pirkis J, Reavley N, et al. Gender norms and the mental health of boys and young men. *Lancet Public Health*. 2021;6:e541-2. doi: 10.1016/S2468-2667(21)00138-9.
10. Weber AM, Cislighi B, Meausoone V, Abdalla S, Mejia-Guevara I, Loftus P, et al. Gender norms and health: insights from global survey data. *Lancet*. 2019;393:2455–68. doi: 10.1016/S0140-6736(19)30765-2.
11. Muggleton N, Parpart P, Newall P, Leake D, Gathergood J, Stewart N. The association between gambling and financial, social and health outcomes in big financial data. *Nat Hum Behav*. 2021;5:319-26. doi: 10.1038/s41562-020-01045-w.
12. Machado AS, Covelo V, Vieira-Coelho MA. Cards on the table: the huge growth in online gambling during the COVID-19 Pandemic in Portugal. *J Gambl Issues*. 2021;47:403–8.
13. Vilaverde D, Morgado P. Scratching the surface of a neglected threat: huge growth of Instant Lottery in Portugal. *Lancet Psychiatry*. 2020;7:e13. doi: 10.1016/S2215-0366(20)30039-0.
14. Schalkwyk MCI van, Petticrew M, Cassidy R, Adams P, McKee M, Reynolds J, et al. A public health approach to gambling regulation: countering powerful influences. *Lancet Public Health*. 2021;6:e614-9. doi: 10.1016/S2468-2667(21)00098-0.